

O CAHL É GAY! AS MÚLTIPLAS SEXUALIDADES EM UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO FORMAL

Virginia de Santana Cordolino Nunes

Este artigo pretende discorrer sobre as múltiplas sexualidades em um centro acadêmico, mais especificamente, no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Sabe-se que os ambientes de aprendizado educacional formais são espaços de negação da sexualidade, reprodutores da lógica perversa de opressão e desigualdades, excluindo tod@s aqueles/as que não se encaixam nas normas heterossexuais, espaço este que estrutura o saber a partir de um padrão “adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente "normal”” (JUNQUEIRA, 2009, p. 14). É no ambiente educacional que internalizamos as “exigências de gênero”, corrompendo as múltiplas possibilidades dos sujeitos vivenciarem as suas sexualidades, invisibilizando desta forma homossexuais, bissexuais, transgêneros, travestis e transexuais em um ambiente de formação educacional. Através de processos maciços de exclusão, a homofobia é alimentada no sistema educacional por e através da Heteronormatividade: “a escola nega e ignora a homossexualidade (...) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos” (LOURO, 1999, p. 30). Mas, e quando esse processo é interrompido em um espaço do sistema educacional? É nesta perspectiva que o presente artigo pretende, ainda de forma sucinta, dialogar: “O CAHL É GAY!” é uma afirmativa difundida no Centro de Artes, Humanidades e Letras, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, afirmativa esta que rompe com a construção/constituição da invisibilidade LGBTQ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Queers), identificando a instituição de ensino como um “espaço sexualizado”, isto é, onde se pode vivenciar múltiplas sexualidades, fomentando sujeitos em movimentos que buscam cada vez mais “pluralizar os gêneros”, subvertendo a normatização e naturalização da vivência sexual no ambiente escolar, difundindo sexualidades não-hegemônicas, transmutando o binarismo opressor, violento, em várias possibilidades. Assim, de forma gradativa, movimentos organizados foram se constituindo em um ambiente acadêmico, tais como o “Coletivo Aquenda” e “Damas de Paus”, que problematizam e subvertem a heteronormatividade e um dos seus produtos mais violentos – a homofobia. Em linha paralela é construída a contra reação, a um ver, de ‘garantia’ da hegemonia normativa,

caracterizada no MOH – Movimento do Orgulho Hetero – reação conservadora heterossexista, que ocorre quando as fronteiras do binarismo são ameaçadas – uma afirmação violenta dos marcos hegemônicos da sexualidade. É sobre essas produções que pretendo falar.

Palavras-chave: sexualidades, educação, heteronormatividade, homofobia.